

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Quinzenário — Autorizado pelos CTT a circular em invólucro fechado de plástico — Envóí fermé autorisé par les PTT portugais — Autorização N.º 190 DE 129495 RCN

28 de Maio de 2005 • Ano LXII • N.º 1597

Preço: € 0,30 (IVA incluído)

Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

Fundador: Padre Américo • Director: Padre Acílio • Chefe de Redacção: Júlio Mendes C. P. N.º 7913  
Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato — 4560-373 Paço de Sousa • Tel. 255752285  
Fax 255753799 - Email: obradarua@iol.pt — Cont. 500788898 — Reg. D.G.C.S. 100398 — Depósito Legal 1239



## Setúbal

# Cinquenta anos

**S**ÃO já cinquenta os anos que se contam nesta Casa do Gaiato, desde que se viu a necessidade de se dar um melhor aproveitamento ao edifício que a então Secretaria de Estado da Assistência tinha construído para acolher os Pobres das ruas de Setúbal.

Inicialmente previsto para acolher mendigos, veio a tornar-se a casa e o lar para muitas crianças das ruas, em especial do distrito de Setúbal.

Passados todos estes anos, calcorreando as mesmas ruas e outras novas, vemos que tanto os mendigos como as crianças continuam a vagar nelas à procura do seu lugar na sociedade.

Embora hoje os meios sejam muito mais abundantes, bem como os profissionais que lhes estão destinados, estes Pobres estão votados a um grande abandono, entregues às mazelas que lhes ficaram do desamor que marca as suas vidas.

A sociedade crente na capacidade da técnica e no poder dos bens materiais, no saber do conhecimento humano e no potencial do dinheiro, a realidade evidencia que só o trabalho voluntário e desinteressado, feito com amor pelos que vivem à margem, vem realizando acções úteis em benefício destes Pobres. No silêncio e no escondimento de muitas vidas, a palavra do Evangelho continua a frutificar e a fazer valer o conselho do Mestre para que a mão esquerda não saiba o que faz a direita.

Entretanto, nos gabinetes, muitos técnicos; os orçamentos e os projectos falam de euros; e os Pobres continuam a estender a mão à caridade, porque a solidariedade que lhes é prometida não aparece, distraída como anda com as suas teorias e congressos e os grandes projectos que nunca conhecerão a luz.

O que lhes vale é a caridade.

Não fosse tão dramática a situação, não teríamos tantos assaltos feitos por jovens e crianças; não teríamos tantos processos nos tribunais; não teríamos tanta necessidade de cadeias.

Nem o propalado desenvolvimento chega a todos, nem ainda estão a ser percorridos os melhores caminhos para lá chegar. O amor que está na génese da vida e de todos os projectos que dão fruto, é a única energia que pode alimentar o agir dos homens em favor dos seus semelhantes.

## Festas

Estão já marcados alguns encontros, em outras tantas localidades, com os nossos Amigos, onde os rapazes desta Casa falarão da nossa vida e da sociedade em que vivemos. São momentos de partilha e de enriquecimento para todos. Como pano de fundo terão a comemoração dos cinquenta anos desta Casa do Gaiato de Setúbal, que nelas não poderá ter mais que uma breve aproximação.

São os seguintes os locais com data e hora marcadas:

**4 de Junho** — Sábado, 21h30, Sociedade Filarmónica Humanitária de PALMELA.

**11 de Junho** — Sábado, 21h30, Fórum Municipal Luísa Tody, SETÚBAL.

**19 de Junho** — Domingo, às 15h30, Salão do Grupo Desportivo de SESIMBRA.

Padre Júlio

## A Carmita

**N**O mesmo dia, à tarde, passei pela freguesia da Quinta do Anjo, de Palmela, a celebrar com a comunidade cristã ali residente e os elementos mais empenhados dos Cursilhos de Cristandade da

Diocese de Setúbal, os 25 anos da morte da Carmita.

Esta mulher é um luminar heróico da Caridade e da Fé dos cristãos.

Leitora assídua d'O GAIATO herdou do Pai uma grande devoção ao Padre Américo e à sua forma

Continua na página 2

## Benguela

# Inaugurado o Infantário

**Q**UEM dera as fotografias cheguem a tempo de sair com estas notas! Nasceu, no sábado passado, o bebé esperado há mais de nove meses. Humilde, como todos os pequeninos destinados a ser grandes. Pobre, como Aquele que nasceu em Belém destinado a ser e a dar a vida em abundância. Escondido do brilho das estrelas do mundo. Acolhido no regaço de duas mulheres que vieram de longe, dispostas a queimar as suas vidas no fogo do amor por estas crianças. Que valentes!

Estou a falar-vos do Infantário, primeiro degrau do Centro Infantil, sonhado e anunciado há muito tempo. Foi inaugurado, no sábado passado, com nove bebés. Ficou instalado nas salas da primitiva Casa do Gaiato, onde dormi a primeira noite, há quase 42 anos, no meio doutros tantos rapazes que me foram dados como filhos. Estou feliz com a herança continuada nesse edifício.

Sabemos para onde vamos. Os problemas não se resolvem com lamentos. Sempre que entro nos bairros que rodeiam a nossa Casa

do Gaiato, vejo a multidão de crianças que aparecem em todos os cantos, à mistura com o pó e a lama. A mãe ou o pai, logo de manhã cedo, vão para as praças a fazer os seus pequenos negócios, a fim de arranjar algo para comer. Os filhos, ainda nos primeiros anos de vida, ficam entregues a si mesmos, sem escola nem amparo que os ajude a crescer. Sai espontaneamente a pergunta: Quem vai ajudar estas crianças a ser gente? Tamanha inquietação não pode ficar sem resposta. Bem sabemos

Continua na página 2

# Momentos

## O Hélder

**D**IA 14 de Maio fui até Beja acompanhar o Hélder na cerimónia académica da recepção do seu caxado de licenciatura em Engenharia do Ambiente.

Nascido em Lagos, veio para a Casa do Gaiato de Setúbal, pouco antes dos 12 anos, por andar perdido naquela cidade algarvia e por já ter connosco um seu irmão mais velho.

Na Casa do Gaiato encontrou o caminho certo e animou-se em prosseguir-lo, vencendo todas as dificuldades inerentes a uma for-

mação académica de nível superior.

É natural a quem me apresenta aos seus mestres, como pai adoptivo, peça a minha presença em festa tão significativa.

Fomos os três: — O Hélder, a D. Conceição e eu.

À senhora ele quis convidar para madrinha da sua licenciatura!...

Gostei desta eleição. Tem um sentido real e verdadeiro. A D. Conceição foi ao longo destes 12 anos a sua mãezinha em todo o sentido da vida. Também para ela este foi um dia de glória.

Os três demos graças!

Pelos olhos da minha memória e do meu coração, passaram nomes de rapazes que, como o Hélder, poderiam ter chegado a esta meta e não a atingiram, somente por falta de vontade.

Acção de graças e pedido de perdão, para eles e para mim, que os não consegui desviar do prematuro desejo de ganhar dinheiro e usufruir o gozo ilusório da vida, que hoje seduz fortemente os jovens.

O Hélder quer fazer o mestrado. É bem necessário para a Obra que os rapazes se ergam aos pontos mais altos do saber, da capacidade e da virtude humana e cristã, neste tempo em que as forças do poder a querem igualar a qualquer centro de acolhimento comum.



# Pelas CASAS DO GAIATO

## Conferência de Paço de Sousa

**PATRIMÓNIO DOS POBRES** — Mais quatro, das vinte e tal moradias (as primeiras) que Pai Américo construiu, naquele tempo, nesta paróquia, serão agora beneficiadas com água dos serviços municipalizados, cujos utentes pagarão a respectiva despesa, mensalmente.

Nesta altura é um grande benefício, pois a seca traz mais dificuldades aos Pobres mais pobres.

Há muito tempo, na primeira fase deste trabalho, tomámos a liberdade de pôr o assunto à autarquia sobre o custo da entrada da água. Decidiram pôr só metade da taxa vigente.

O vereador voltou a aceitar o nosso requerimento, desde que requeirermos o assunto e sublinhássemos a oferta da autarquia já dada a outras casas. Valores que não poderíamos alienar para bem dos mais carenciados.

**PARTILHA** — Um Pároco do Minho veio até nós e deixou quinhentos euros, «porque sei que têm dificuldades» disse.

Assinante 62942, do Porto, enviou, entretanto, 250 euros, dos quais 50 para os nossos Pobres.

De Vila Nova de Gaia, 100 euros «para os vossos Pobres». É o assinante 7745, de Madalena.

Vinte euros, do assinante 74432, de Castelo Branco: «Talvez um pouco atrasado — sublinha este Amigo — mas é com boa vontade. Desejo que os vossos Pobres aliviem um pouco a sua situação». O amor por eles é mesmo assim!

A presença habitual, de Lourdes, do Cacém: «Com muito carinho e amor, envio mais uns posinhos (trinta euros) para os mais Pobres. Que Deus vos continue a dar muita saúde para poderem continuar com a vossa acção». Bem-haja — afirmamos nós, também!

«Lembrando o meu filho Fernando», cheque de trinta euros «para a vossa conta da farmácia. É pouco mas será mais vezes». É um Leitor da Covilhã.

Vinte e cinco euros, da assinante 50939, de Bustelo (Oliveira de Azeiteiros), em louvor do Santíssimo Nome de Jesus — para o que for preciso». Não falta quê!

Por alma do marido, a assinante 57451, de S. Mamede de Infesta, com 30 euros «para o que for mais necessário».

Mais 25 euros, do assinante 72996, também de S. Mamede de Infesta, lembrando o Dia da Mãe. Bonito!

Em nome dos Pobres, muito obrigado. O nosso endereço: Conferência de Paço de Sousa, ao cuidado do Jornal O GAIATO, 4560-373 Paço de Sousa.

Júlio Mendes

## Setúbal

**CAMPO** — O João Correia, com a máquina de fazer silagem, encheu um silo todo. Deixamos dois quadrados de terreno com cevada, que é para dar às vacas mais tarde. A batata está com bom aspecto porque tem chovido nos últimos dias.

**VACARIA** — Já nasceram mais três bezerras, um macho e duas

fêmeas. A mãe do bezerro teve dificuldades a parir e ficou algum tempo sem se levantar. Agora já está boa. O senhor da ração veio cá encher o silo das bezerras.

**ESCOLA** — Os rapazes que estiveram a tirar o curso de electricidade na «Barreiros», estão agora a estagiar em vários locais. Também os finalistas da Profissional estão a fazer o estágio do final de curso. Os rapazes que andam no curso do ensino recorrente, estão a estudar para passar o ano lectivo. Os do 2.º ciclo a sair-se melhor do que nós pensávamos. Os da primária também estão indo bem.

**JARDIM** — Os canteiros são todos os dias regados para que as flores cresçam bastante. Atrás da casa, o «Lota» e o «Monchique» estiveram a pôr estacas nas árvores para que estejam direitas. O jardim está bonito porque trabalharam nisso.

**FESTAS** — As nossas Festas vão começar em Junho. Está tudo em preparação para que os rapazes façam as peças bem feitas. Esperamos que não faltem os nossos Amigos, para assistirem ao espectáculo magnífico.

Horácio

## Paço de Sousa

**CAMPEONATO INTER-CASAS DO GAIATO** — Foi realizado o nosso último jogo do Campeonato Inter-Casas. Desta vez, recebemos o Tojal. Chegaram alegres, risonhos e bem dispostos, pois, fosse qual fosse o resultado, já eram campeões, uma vez que na última jornada foram a Miranda do Corvo empatar e nós fomos perder a Setúbal.

Mas falando deste maravilhoso convívio com a rapaziada do Tojal, tudo decorreu em verdadeiro ambiente familiar. Desde que chegaram, até que par-

tiram. Ninguém se alterou! Assim está bem! Assim gostamos, e por isso aplaudimos. É tão bom, quando as pessoas vêm com o coração limpo, cheio de alegria e boa disposição para conviverem com todos aqueles que estão mais retirados do seu dia-a-dia. Néilson, o responsável pela equipa do Tojal tem a equipa muito bem preparada. Também é preciso não esquecer, que tem por onde escolher! O treinador do Tojal é um rapaz calmo e sensato. Não gosta de se salientar, respeita, e por isso, é respeitado, saindo-se sempre bem. Talvez um pouco mais novo e com as mesmas características, é o Fernando «Cocas», responsável pela equipa da Casa de Setúbal.

Tojal é um justo vencedor. Quando eu disse que a equipa do Tojal não precisava de grandes benesses, eu sabia do valor daquela equipa. No entanto, e no que diz respeito ao jogo de hoje, diz o ditado que: «Para lá do Marão, mandam os que lá estão». Um jogo bem disputado do primeiro ao último minuto. O Tojal já era campeão, mas não queria perder. Fizemos 1-0. Empatámos 1-1. E só depois é que conseguimos fazer o 2-1 e o 3-1. Foi preciso trabalhar muito. Foi preciso arranjar forças onde parecia já não haver, mas a valentia dos rapazes, de Paço de Sousa, foi de arrasar. Três golos: um de «Bolinhas», que mais parecia de um profissional do que de um «puto» que joga por amor à camisola; outro de Abílio, demonstrando mais uma vez a sua eficácia; e o terceiro foi marcado pelo «Bonga», nosso capitão que, para além de ter sido um excelente golo, foi, digamos, a recompensa de toda a sua dedicação ao grupo de trabalho. Paço de Sousa foi a única equipa que conseguiu ganhar ao campeão, por uma margem que não deixa dúvidas a ninguém, de que poderíamos ter ido mais longe se nós não tivéssemos tido «percalços de circunstância» em campos que não o nosso.

Agora, Tojal, terá que defrontar uma selecção composta por jogadores das restantes casas, no dia 28 de Maio, onde se fará o fecho deste campeonato, conforme o regulamento e estipulado

desde a primeira hora: em Paço de Sousa. Nós não embarcamos em entusiasmos de ocasião!... Neste dia, entregar-se-ão os respectivos prémios e lembranças a todos os participantes do campeonato, bem como divulgar quem irá organizar o de 2006.

O jogo entre Setúbal e Miranda só se realiza no dia 21 de Maio, a pedido dos de Miranda. Deste jogo, sairá quem irá orientar a selecção e ditará qual o terceiro e quarto lugar. Também esperamos que tudo corra da melhor maneira. Os rapazes de Miranda são calmos e coerentes e os de Setúbal também são, e muito hospitaleiros.

Conclusão: todos os rapazes gostam de jogar a bola. Até Pai Américo, jogava sem querer: «Estava eu hoje em sossego a tomar o meu café, quando entra uma bola, não se sabe se pela porta se pela janela do refeitório, e vem direitinha à minha testa! Se isto tivesse acontecido em um colégio de respeitabilidade, tínhamos devassa; um atentado contra a pessoa do senhor director! Havia malícia. Castigava-se o inaudito. Aqui, porém, não existe a pessoa do senhor director nem se supõem malícias. Há Rapazes. Existem Rapazes. Obra deles, por eles, para eles.» Pois é! Somos uma família e não um colégio. Não temos um director, mas sim um pai. Por isso, é que incomodamos muita gente...! Sobretudo, aquele tipo de gente que vive longe, muito longe da nossa realidade!

Alberto («Resende»)

## Santo Antão do Tojal

**CAMPO** — Apesar da seca, algumas plantações vão-se mantendo. Temos, neste momento, a batata, a cebola, os coentros e a alface. A fava, por sua vez, já foi apanhada. Este ano temos em poucas quantidades, o que já não é muito mau. Nas mãos d'Ele depositamos a fé de que os próximos dias sejam melhores.

Tribunal a apreciar processos dos chamados menores em risco.

O GAIATO fez, por minha pena, duas ou três vezes, alusão a esta extraordinária prova de santidade de que a Carmita se aureleou. As facetas mais salientes desta vida estão resumidas num livro bem expressivo: «Alguém que agarron o Evangelho».

Padre Acílio

## Benguela

Continuação da página 1

que a solução de todos estes problemas sociais não está em nossas mãos. Mas, descoberto o caminho, todos os passos são bem vindos e devem ser dados sem hesitação.

A Obra da Rua nasceu assim. À medida que Pai Américo se confrontava com graves problemas sociais não cruzava os braços. Não se quedava em lamen-

**PROJECTO MÃO AMIGA** — Está a decorrer uma campanha, recolha de tonners e tinteiros vazios de impressoras ou fax's para a reciclagem dos mesmos. Cada um destes cartuchos tem um valor de 50 cêntimos. Por isso, não deite o seu cartucho fora, porque com esse pode muito bem ajudar-nos. Pede-se a vossa colaboração e se nos puderem enviar, agradecemos.

**FESTAS** — As nossas Festas estão quase no fim. É como outrora no Egipto. Mas não foi a praga de gafanhotos que nos atacou. Estamos em crise e isso faz-se sentir em todos os pontos. Pois, este ano, não tem sido bom. A plateia tem estado vazia o que nos entristece bastante. Esperamos ter casa cheia nos últimos que faltam.

## Diz que posso confiar

Vai comungando a alma  
Neste meu silêncio  
A verdade está nesta chama  
Não tenho medo  
Assim sou feliz  
Sabes que te amo  
Em todos os momentos  
Tu és a raiz  
E a vida que levo  
É triste não Te amar  
vivo no deserto  
De puros cristais  
Fraqueza, dor, no mar  
De ilusões e batalhas  
Tem de haver vencedores  
Guia-me...  
Vou ter falhas  
Junta a minha alma à Tua  
Vou sofrer, sou feliz...  
És a Força, a Vida, o Caminho...  
Que me importa a mim sofrer?  
Estou cultivando o amor  
Por que sei Te amo...

Abílio Pequeno

## Momentos

Continuação da página 1

de viver e pregar a Fé: — Dando a maternidade a quem não tinha mãe numa confiança e abandono absolutos à Providência de Deus!

O primeiro menino dei-lho com 15 dias. Arranquei-o dum choço onde já haviam morrido três. Vinha muito doente e a Carmita correu com ele para o Hospital da Estefânia, em Lisboa, diariamente, durante três meses.

Salvou-o!...

Passados dois anos, entreguei-lhe uma menina de dois anos e meio que encontrei na lama das beiras do Tejo. A seguir, outra menina, irmã de dois rapazes que recebera também na Casa do Gaiato. Por fim, ansiosa de expandir a sua maternidade, na visita aos Pobres e aos mais infelizes, encontrou três irmãos abandonados, dois meninos e uma menina.

Criou seis. Deu-se totalmente como a mãe mais extremosa, dei-

xou-lhes tudo o que foi e tinha, até os bens herdados de seus pais.

Aos cristãos apresentava-se como mãe solteira de seis filhos sem pai.

Chama ardente da acção católica, a sua maior e crescente aspiração, foi pregar Jesus Cristo, com testemunhos vivos, irrefutáveis à maneira do Evangelho. Viver Jesus e ao seu estilo foi o programa realizado em sublime fidelidade.

Marcada, ainda muito nova, por uma doença cancerígena, no Hospital onde se ia tratando, em Lisboa, envolveu de ternura e atenção notáveis quantos ali chegavam roídos de dor e desespero. A todos dava o seu lugar, confortava, manifestando-se sempre a mais forte e a mais feliz de quantos a rodeavam.

Uma das suas netas, a Magda, licenciou-se este ano, também, em Direito. Assim se promovem os Pobres. Espero vê-la sentada num

tações, só. Buscava as respostas conforme sabia e podia, à luz da sabedoria colhida na ciência eterna de Amar. Tinha consciência de que não resolvia tudo. Entretanto, os passos que dava eram outros tantos gritos a despertar outras consciências. É o papel das forças vivas duma sociedade que se quer justa e livre da pobreza extrema e da miséria. O povo de Angola está marcado por estes sinais. São necessárias acções libertadoras.

Por isso, a alegria das mães e dos bebés é também a nossa e a vossa alegria. A inauguração fez-se à nossa maneira. Casa preparada, casa habitada. Duas Irmãs do Instituto das Irmãs Cooperadoras Paroquiais, de Fiães, Vila da Feira, vão dar o seu amor maternal, sem condições, ao jeito das mães verdadeiras. Onde vêm os meios materiais para a manter de pé, a caminhar, mais esta obra? Acredito e tenho confiança que não há-de faltar o



## Encontros em Lisboa

## As dores da sociedade

**S**OBRETUDO dos mais pobres, entram-nos pela Casa dentro, todos os dias e a qualquer hora. É um mar de queixas e pedidos e, muitas vezes, só nos resta escutar, porque respostas não temos.

O mesmo acontece com alguns dos nossos rapazes a precisar de se inserirem no mundo do trabalho. Batem a uma porta, batem a outra e sempre a mesma resposta: "deixem o vosso contacto que nós depois falamos". Os dias passam, as expectativas frustram-se, os nervos aparecem e as desilusões também.

Tenho para mim, pelas experiências vividas, que a maior frustração do ser humano é querer trabalhar e não se conseguir um lugar em parte nenhuma. É toda a vocação humana de contribuir com o seu esforço e a sua inteligência para a realização de si próprio, tornando-se, à semelhança do Criador e por sua ordem, ser construtor de mundos.

Onde sinto mais dificuldades com os nossos rapazes é precisamente nesta área do emprego, quando não encontram... Sei que são tempos de nervosismo e de diária frustração.

Nas nossas sociedades, sentimo-nos impotentes porque, na lógica do lucro, não há lugar para todos e os excluídos serão sempre os menos preparados e mais pobres a todos os níveis. Precisariamos de grande mudança a nível da moralidade das nossas sociedades e das suas formas organizativas do trabalho. Pode ser que um dia todos possam contribuir com as suas capacidades para a riqueza de todos.

## Festas

Faltam duas etapas para terminarmos a nossa caminhada deste ano. Foi bom. Deus abençoe as comunidades que nos receberam e que essas comunidades nos sintam mais perto, pedindo a Deus por nós.

26 de Maio — Quinta-feira, 21h30, Dia do Corpo de Cristo, Club Recreativo de Casainhos — FANHÕES.

5 de Junho — Domingo, às 15h30, Cine-Teatro de TOMAR.

Padre Manuel Cristóvão

## Pão de Vida

## Faltas

**É** preciso reafirmar com ênfase, nos dias de hoje, a importância do tempo. Vivemos numa época marcada pela aceleração excessiva do ritmo diário, em que não se tem tempo ou se perde tempo. Quem o não sabe ordenar, comporta-se como *néscio*, segundo S. Paulo.

A sineta da nossa Casa não pode ser vista como um inimigo. Porém, os ouvidos podem estar tapados até com os *fones* e não ser devidamente escutada.

Ao longo do dia, a vida desta comunidade procura estar orientada, de modo que os nossos filhos tenham o seu tempo ocupado, embora muitas vezes, no estudo, tenham grande dificuldade de concentração.

Uma sombra que mancha o equilíbrio do nosso tecido quotidiano, são as faltas escolares.

necessário. Entrego-a também ao vosso cuidado.

Que o Filho sopra sobre outras mulheres para que, sem medo, abram os seus corações e deixem entrar o choro de tantos filhos a clamar pelo seu amor até ao esgotamento de todas as energias.

Ficamos à espera!

Padre Manuel António

Mais do que uma imposição estatal, a escolaridade é um direito pessoal que traduz uma evolução social positiva.

O ano lectivo vai adiantado e chegaram missivas incómodas, com informações de faltas.

Acabámos de nos deslocar, para recebermos um rol delas. Ser neoplasias escolares devem ser prevenidas, na raiz. Os pais e encarregados de educação não podem estar na escola, que é chamada a criar mecanismos de exigência e motivação da presença. Entre nós, as faltas escolares conduzem os rapazes aos serviços comunitários, como a copa e o refeitório.

Dois rapazes foram recambiados

Padre Manuel Mendes

## José Carlos de Sá

**M**AIS um Amigo de desde o nascimento da Obra da Rua que o Senhor veio buscar.

Muito jovem se deixou enamorar pela palavra e acções de Pai Américo. Começou a acompanhá-lo nas colónias de Férias que foram o *ensaio* para as Casas do Gaiato. Depois que a Casa de Miranda do Corvo foi fundada, a sua presença foi constante, dentro e fora em recados que Pai Américo lhe encomendava. E porque a sua morada e actividades eram em Coimbra foi sempre esta Casa privilegiada pela sua colaboração.

Mas a sua dedicação não se esgotava na Casa do Gaiato. Obras como a do Dr. Elísio de Moura, Escuteiros, outras actividades em Igreja — ouviram a sua voz dizer «presente», sempre que o convocaram.

A idade dele e a nossa silenciaram um pouco a convivência nos últimos anos. Mas temos a certeza de que o seu coração bateu com o nosso até que deixou de bater... aqui. E continuará mais vivo do que nunca ao serviço desta Obra que desde sempre amou.

Padre Carlos

para Casa, por se encontrarem fora da escolaridade obrigatória. Uma alternativa nossa, a curto prazo, é a agricultura...

Terá sido um erro a concentração, no mesmo espaço escolar, de alunos do 2.º e 3.º ciclos do Ensino Básico.

As escolas básicas parecem ter-se transformado em espaços de mero convívio, também necessário, negligenciando a transmissão de conhecimentos e a disciplina.

O declínio das provas de exame conduziu a menor exigência desde o 1.º ciclo. Serão obrigatórias as passagens administrativas? O exame da 4.ª classe era um diploma de acesso ao mercado de trabalho. E hoje?...

A unificação do ensino deu largas à desmotivação de muitos, que poderiam ser orientados logo no 3.º ciclo para áreas profissionais mais adequadas às suas inclinações humanas.

Quando os docentes não leccionam, quem pega nos alunos que gritaram folga?

Com este cenário, proliferam os gabinetes de explicações e desenhava-se a elitização do ensino.

Na nossa País, o analfabetismo escolar tem baixado, embora a ileteracia seja evidente.

Basta uma vista de olhos aos cadernos diários, para vermos a distância a que nos encontramos do verdadeiro ensino da língua materna. Noutro tempo, os erros nos ditados eram castigados com a palmatória.

É certo que o teclado informático tem, hoje, legítima supremacia e constitui uma arma de dois gumes, a usar bem na construção da personalidade e da sociedade. Os nossos filhos, nas escolas, serão devidamente acautelados para enfrentar esta espada?

O desafio da concorrência, no feroz mercado laboral, implica que se valorize mais os primeiros anos de escolaridade e se ocupem devidamente os alunos durante o tempo lectivo, já que é obrigatório deslocarem-se para o recinto escolar, mas não serão obrigados a entrar nas salas de aula, enquanto se lamenta a falta de pessoal auxiliar.

Quando as soleiras das escolas se forem desgastando, não para as farras, mas para o conhecimento abrangente do ser humano e do cosmos, estaremos a semear para uma centúria.

## DOCTRINA



Oh homem,  
não tires da vida a morte!

**O** Governador Civil do Porto tem-se acupado ultimamente em visitar as Casas de Assistência na cidade, encontrando em algumas delas, segundo os jornais do dia, camas vazias e espaço desaproveitado. Até se transcreve aqui, com vénia, o que ficou escrito no livro dos visitantes, de uma das beneméritas Instituições. «Levo a melhor impressão da minha visita a esta Casa. No entanto, lamento ter visto tanta cama vazia e tanto espaço desaproveitado, sabendo que por toda a cidade existem milhares de crianças a carecer de protecção. Não se compreende que os que podem, sobretudo os que podem muito, se desinteressem de uma Obra como esta».

**P**RECISAMENTE durante aquela semana, recebemos uma data de cartas a pedir lugar na Casa do Gaiato para vadios das ruas do Porto. Todas, por palavras diferentes, narram a mesma história. A última vem da Rua de S. Sebastião, à Sé, e diz assim: «Esta tem por fim apelar para si e ver se V. leva para a Casa do Gaiato um rapazinho que vagueia pelas ruas e comendo qualquer coisa que aparece nos baldes do lixo. Esse pequeno não tem pai e a mãe está doida. Era uma obra de caridade tirá-lo do meio em que vive».

**E**, já agora, mais esta, também do Porto: «Há uma família muito desgraçada em S. Pedro de Campanhã, Porto, chamada por alcunha 'Os Marcelas', que é composta de mãe e seis filhos, visto que o pai morreu há dois dias, devido à sua situação. Julgo que o mais velho tem 15 anos e o mais novo é de colo. São cinco rapazes. Não têm cama nem casa onde dormir e todo o Inverno pernoitam pelas vielas e pelos matos, como animais».

**N**ESTES três depoimentos, encontramos razão de «perigo de morte». Morte colectiva. Morte por separação. Invocamos um Pai Comum — Pai Nosso. Pedimos um bem comum — «dai-nos o pão»; — mas vivemos separados! Quem é que come do balde do lixo? Um Irmão! Juntinhos dentro das Igrejas. Cá fora, separados. É já uma consequência natural desta morte o existirem abrigos para crianças, e estes vazios, numa terra e num tempo onde se contam por centenas as que pernoitam ao relento. Não é um transe, esta morte; antes fora! É um estado de vida. O Evangelista que mais amou, diz que permanecem na morte os que não amam os seus Irmãos. Quem é que dorme nas ruas, no dizer do próprio Governador? Os nossos Irmãos inocentes!

**O**S homens que estão à frente destas instituições queixam-se naturalmente de falta de recursos e fazem o melhor que podem, dentro das verbas ao seu alcance. Se mais tivessem, melhor e mais fariam. Quem lhes pode levar isso a mal? Contudo, se alguém perguntasse a nossa opinião, havíamos de dizer que se trata de um erro de visão. As alturas podem causar vertigens, sim, mas é de lá que se vê tudo. Vê-se, por exemplo, que a falta de meios para sustentar estas Obras está justamente no haver camas vazias lá dentro e crianças à fome cá fora. Vê-se mais, lá das alturas, que o simples facto de recebermos a criança que tem direitos nestas Casas garante necessariamente o seu sustento. Ela é o dote. Ela, a recompensa. Quanto mais alto subirmos, melhor vemos estas coisas.

**E**RA de uma vez uma comissão de boa vontade que fundou em certa terra uma Casa de regeneração para raparigas em perigo moral. Conseguiram fundos para manter doze camas. A dita comissão logo teve o cuidado de avisar que, por enquanto, não se poderia ir mais além e que já não era nada mau tirar das ruas uma dúzia de desvairadas. Ora as Religiosas traziam outra «cartilha». Depois de instaladas, começaram a receber raparigas por sua conta e risco, tendo dentro em pouco umas quarenta camas ocupadas. A comissão desorienta-se: «Mas de onde é que lhes vem tanto dinheiro?!» E acabou por diminuir a sua acção, no que só fez muito bem. De uma vez calhou-me levar pela minha mão àquele estabelecimento uma menor que desejava o seu resgate a todo o preço. Conte de como fora possível ir buscar a enganada. Não me pediram enxoval. Não me falaram em dinheiro. «Sim, padre; para evitar o pecado, tudo quanto se faça é pouco!» Meses depois voltava à mesma porta com idêntica missão. «Sim, padre, eu também gostaria que me recebessem, se tivesse dado aqueles passos.» E recebia a algemada.

*O. Américo*

(Do livro Doutrina, 1.º vol.)



# Um bocadinho de História

**F**AZ hoje cinquenta anos que o Bairro, por ocorrência do centenário de D. António Barroso, baptizado com o seu nome — uma mais-valia para o coração de Pai Américo — foi inaugurado e entregues as moradias às famílias escolhidas pelas Conferências Vicentinas da Sé, de S. Nicolau e de Miragaia. Pai Américo pediu-lhes apenas uma para si, para nela abrigar uma «ressuscitada» da tuberculose que anos atrás conhecera nas suas peregrinações pelo Barredo e graças a uma «sociedade» firmada num pequenino «cenáculo» do Espelho da Moda, de onde saíram tantos bens que só Deus terá contado, foi levada quase «in extre-

mis», mas ainda a tempo, a um sanatório de Coimbra onde se operou a cura.

A paixão de dar casas aos que viviam em condições infra-humanas vinha dos tugúrios de Coimbra, onde começou a Obra da Rua; e cresceu no Porto, na convivência da miséria reinante nesta zona ribeirinha que frequentava assiduamente.

Foi uma gestação longa e dolorosa, dada à luz em 1951 com as primeiras casinhas do Património dos Pobres em Paço de Sousa e em volta das outras Casas do Gaiato, as quais lhe deram o mote principal das suas pregações quando, em 1952, visitou Angola e Moçambique. De lá trouxe

esmolas animadoras. O Presidente da Câmara (que creio já era, ao tempo, o Eng.º Machado Vaz) com a *cumplicidade* de outro Amigo inesquecível que foi (e é lá no Céu) o Eng.º Nascimento da Fonseca, foram contagiados pelo entusiasmo de Pai Américo — e à Obra da Rua foram cedidos terrenos no Carvalhido, em Paranhos e em Miragaia, depressa ocupados pelo Património dos Pobres. Daqueles se encarregaram de os povoar o Padre Pacheco, do Carvalhido, e um grupo de Vicentinos em acção na zona do Bonfim e de Paranhos. Os de Miragaia tomou-os Pai Américo à sua conta e logo começou a construção. Em termos de burocracia não há dúvida que

se tem regredido notavelmente ao longo deste meio século!

Este empreendimento tornou-se a *menina dos olhos* de Pai Américo. Sempre que vinha ao Porto, só se de todo não pudesse, deixava de parar junto à velha Alfândega, e voltando-lhe costas, olhava com encanto a encosta, até então bravia, onde subiam lindas vinte e oito moradias e uma maior que havia de ser a morada das Criaditas dos Pobres e sede da sua acção ao serviço das crianças dali.

Em 15 de Maio de 1955, presentes o nosso Bispo D. António e as Autoridades referidas (se bem me lembro também o Governador Civil Dr. Domingos Braga da Cruz), não como tais, mas como Amigos partilhando uma hora feliz, procedeu-se à bênção e entrega das chaves a cada chefe de família com a simplicidade de quem cumpre um acto de justiça...

No fim da Festa, no Coliseu, em 1954, Pai Américo explicara o dinamismo desta obra, aliás, de toda a Obra: «Dizem pr'aí que o Padre Américo anda a fazer grandes coisas em Miragaia... O Padre Américo não faz nada. É um impelido, e impelido, vai».

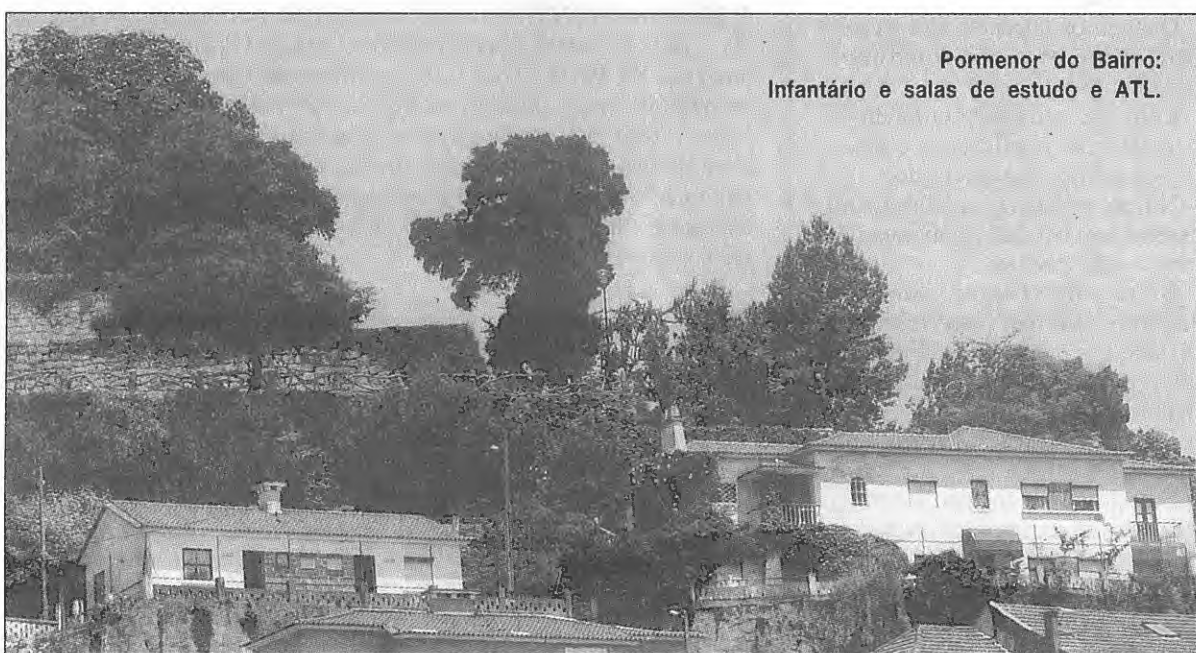
Hoje, a efeméride coincidiu com o Dia de Pentecostes. Os responsáveis eleitos do Bairro, senhor Jaime, Estela e Jorge, todos da primeira hora, este último, apenas com quatro meses, organizaram a celebração da data e convidaram quem quisessem. Também ali a norma é «Obra deles, para eles e por eles». A mim pertenceu, naturalmente, a Missa de acção de graças. E, obviamente, o tema foi o do «impelido». Ai de nós!, que ficará

de nós no mundo se nos não deixarmos impelir pelo Espírito Santo, tornando-nos todos protagonistas da renovação da face da Terra que instantaneamente suplicá-mos nesta Solenidade — renovação impossível sem o Sopro do Espírito, mas que Ele não realiza sem nós! Só assim se alcança a Paz que Cristo Se fez para nós e nos deixou, em realizações de Justiça e Amor, de que nenhum de nós está dispensado por muito insignificantes que nos tenhamos no seio da grande Sociedade. Todos, todos nos demos, neste espírito e em sinal de compromisso o abraço da Paz que convidei a dar-mo-nos no momento próprio da celebração. Que o Pai Américo lá no Céu interceda ao PAI para que a nossa fragilidade se converta em força. Se vamos esperar, dos que se têm por Grandes, a tão necessária e urgente renovação da face da Terra — bem podemos esperar...!

E também suplicá-mos com muita veemência vocações para as Criaditas dos Pobres, para que possam voltar ao seu posto suprido quanto possível pela dedicação da Obra de Nossa Senhora das Candeias, que já tão generosa e eficientemente se vem ocupado do Infantário e ATL há alguns anos.

A mesa é sempre o centro de todos os convívios familiares. Depois do Altar foram as mesas postas pela Estela e pelo Jorge e pela Maria Cândida, cheias de coisas boas e apetitosas que o seu engenho e esforço conseguiram — e nos retiveram juntos o resto da tarde.

Padre Carlos



## Moçambique

### Cristo abriu-se aos mais pequeninos

**A**O ver declinar o dia, neste Moçambique ainda sem horizontes para os mais Pobres à nossa volta, vivemos angustiados pela necessidade urgente de garantir a sobrevivência da obra levantada com tanto esforço e entusiasmo dos Amigos que, de longe, confiam no trabalho da Obra da Rua, no renascer desta Nação moçambicana.

As crianças abandonadas ou desenraizadas pela guerra; as mães sem marido, deixadas à fome com seus filhos pequenos, sem cuidados de saúde nem instrução; os portadores de sida e os órfãos, são três metas já alcançadas, mas ano-a-ano agigantam-se na nossa capacidade física e financeira.

No terreno são mais de setenta quilómetros a percorrer. Nas seis povoações os Berçários para a primeira infância desnutrida, com a componente de Posto de Saúde materno-infantil, estão concluídos. Duas Creches estão ainda a levantar-se: a de Ndivuane, já nos acabamentos; mas, a de Changalane em começo, porque só agora damos forma definitiva à que ali funcionava desde 1993, seguidos de anos cíclicos de seca. Lares na Massaca e Maanhane para os órfãos de sida estão em acabamento. Não podemos reser-

var a Casa do Gaiato só para eles, apesar de já termos mais de quarenta. Estes Lares vão abrigar umas doze crianças de ambos os sexos da respectiva Aldeia. Mas eles são tantos! A Escola da sexta à décima, para jovens e adultos está finalmente a levantar-se. As casas melhoradas só tiveram um acréscimo de trinta, este ano, e de certo vamos ficar por aqui. São muitas centenas já.

Nesta terra, a primeira presença da Igreja chegou com «o dar de comer a quem tem fome». Era o testemunho mais urgente. Tantos que morriam de fome, diarreia sanguínea e malária. Abriram-se furos artesanais, construíram-se latrinas e casas. Ensinou-se a trabalhar e pagou-se ordenado. Foi o atendimento possível, minimamente

digno, que constituiu um passo muito avançado no estilo de vida deste povo. Foi com alegria que ouvi um senhor Governador de Província, há dias, dizer que basta de o nosso povo morar em palhotas sem um mínimo de dignidade.

Foi com muito carinho e empenho que as levantámos com um mínimo de divisões e durabilidade para estes filhos de Deus. Não senti, por um momento, que Ele quisesse uma casa para Si. Se ninguém ainda era morada de Deus, agora já pode sê-lo. Nas Creches é emocionante ver os pequeninos a rezar ou a cantar antes das refeições. E há uma sala aberta, sempre a maior, para as reuniões ou celebração da comunidade cristã que, entretanto, vai nascendo. Não abrimos as portas a Cristo, foi Ele mesmo que Se abriu aos mais pequeninos. Creio que todos quantos nos têm ajudado sentem a mesma alegria que nós e como dizia Pai Américo: «está tudo dito».

Padre José Maria

## Tribuna de Coimbra

### Sacramento do Crisma

**O**NTEM, Domingo de Pentecostes, receberam o sacramento do Crisma quinze dos nossos rapazes, todos na casa dos 18 anos ou a passar deles. A Sé Nova, de Coimbra, literalmente cheia, era um cenáculo vivo que perpetuava na memória dos crismados um dos grandes momentos da vida. Enquanto a cerimónia decorria, com unção e beleza espiritual, o meu pensamento voava, fixando-se na história pessoal de cada um dos nossos ali presentes. Era por causa da vida de cada um deles que nós ali estávamos, naquela hora.

Deus conhece tudo, mas deu-nos a graça, também, de poder acompanhar alguns dos Seus sinais reveladores. Estes rapazes foram-nos confiados pelos homens (pais e mães ou poderes reguladores) em momentos difíceis da sua vida. Acolhemo-los e ajudámo-los o melhor que pudemos com a sabedoria que vem do amor. São um tesouro! Mas a melhor confiança vem de Deus, sim, o Grande Tutor dos pequeninos e dos fracos nas horas todas da vida, principalmente nas de grande angústia ou tribulação. A Igreja sabe disso com uma sensibilidade histórica incomparável que a torna especialista do «humano», aproximando-o de Deus, divinizando-o. É uma tarefa que ali víamos a realizar-se. Cada um deles cresceu no «humano», num apelo permanente à superação de si mesmo para se fixar no absoluto de Deus. Mas a tarefa de «fazer de cada rapaz um homem de bem», como lembrava Pai Américo, nunca se pode considerar terminada. É um «crescendo» que agora encontra no Crisma um novo sopro e alento. «A educação religiosa é o centro», recorda Padre Américo, acrescentando: «por ela sangrem os Padres da Rua até ao fim». O mundo que nos rodeia, sabemos-lo, contraria e nós remamos. A palavra oportuna há-de ser uma prece dirigida ao Céu... O mesmo se diga da conversa amiga e confiante... ou do «raspanete», momentaneamente amargo e aborrecido. No tempo de Deus nada se perde, tudo se alcança mesmo quando nos faltam os cálculos. A educação de um ser humano deveria ser antes de tudo um tempo onde Deus faz história e se torna presença libertadora. O Crisma era, ali, e naquele momento, um sinal revelador. Nós víamo-lo na unção feita a cada um. Unção feita na frente com destino certo ao coração. Para que o mundo se torne perfume de Deus nas mãos dos homens.

Padre João

## PENSAMENTO

Ninguém ama como as crianças. Soubéssemos nós amá-las! (...) Oh mundo, arrepende-te! Oh mundo, fecha os calaboiços à Criança e abre-lhes o teu coração!

PAI AMÉRICO